

CRÍTICA

Papo de cinema

○ Idealizador do site de cinema mais abrangente do País, o Cinema em Cena, o crítico Pablo Villaça esteve em Fortaleza, semana passada, ministrando curso sobre crítica cinematográfica

FÁBIO FREIRE
Repórter

Ser crítico de cinema não é uma tarefa fácil. Além de uma série de conhecimentos sobre linguagem e estética da sétima arte para embasar argumentos, um crítico tem que ter sangue frio para justificar suas opiniões e saber lidar com todo tipo de xingamento.

Tão enfurecido quanto um fã que vê seu time de futebol de coração ser massacrado, os cinéfilos de carteirinha ou de final de semana não poupam os críticos quando estes falam mal daquele filme ou cineasta predileto. Mas a rixa entre a crítica e o público vai muito além do que a simples discordância de opiniões, e ambos necessitam um do outro.

Papéis

A crítica precisa de leitores, claro, e o público, de alguém que

os guie ou situe sobre contexto, história, teoria e linguagem de cinema.

Para o crítico Pablo Villaça, do portal Cinema em Cena, o mais antigo e abrangente site de cinema em atividade no País, um dos principais papéis de um crítico é a intermediação. “A crítica é o único filtro que existe entre a publicidade e o público”, afirma o especialista.

Enquanto a primeira quer vender um filme a todo custo, destacando-o na multidão de lançamentos semanais, o espectador busca algo que desperte seu interesse de consumo.

Cabe ao crítico, então, essa função de mediação. “O crítico vai enxergar no filme uma série de elementos subjetivos (relacionados ao tema e à moral) e objetivos (sobre a construção dos filmes) que compõe uma obra cinematográfica”, esclarece Pablo.

“Um bom crítico não diz simplesmente se o público deve ou não assistir a um filme”, continua Pablo. “O papel dele é ajudar o espectador a formar uma opinião crítica, fazendo com que este comece a entender como um filme alcançou determinadas reações viscerais, falando sobre elementos e estruturas da obra”, prossegue.

“Esses resultados podem ser conquistados ou forçados, por meio da construção narrativa ou do maniqueísmo”.

✚ Cabe ao crítico, a função de mediação com o público. É ele quem vai enxergar no filme uma série de elementos subjetivos e objetivos que compõe a obra

✚ Um texto crítico não é uma opinião sobre o filme. É preciso informações técnicas e da teoria cinematográfica

No curso “Teoria, Linguagem e Crítica Cinematográficas”, que aconteceu semana passada em Fortaleza, depois de passar por Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador etc, Pablo Villaça ensina o espectador a pensar sobre o que ele está assistindo. Por meio de aulas didáticas sobre linguagem e história do cinema, narrativa, montagem e mais uma série de elementos que estruturam uma obra cinematográfica, além de história, função e formação da crítica, Villaça introduz o aluno no universo do cinema ilustrando seus argumentos com exemplos de cenas de filmes.

Emoções pré-fabricadas

“Hoje o público vai ao cinema para comprar emoções pré-fa-

bricas e desligar o cérebro”, constata Pablo. “Uma das funções do crítico é justamente estimular as pessoas a pensarem cinema. Infelizmente, atualmente, o crítico é mais uma peça da engrenagem e está presente nos veículos mais para render receita do que para discutir cinema”, lamenta. A partir desse cenário, entram na equação os blogs. “O blogueiro não é necessariamente um crítico. Mas, muitas vezes, traz uma nova perspectiva e tom, uma visão interessante sobre cinema. E é sempre ótimo porque são mais pessoas discutindo cinema”.

Mas, para ser crítico, não basta simplesmente colocar o cinema em pauta. “O que vemos muito são pessoas sem conhecimento sobre cinema escrevendo sobre o assunto. O resultado são textos que resumem e contam a história do filme, falam sobre bastidores, fofocas e bilheterias, mas não discutem o filme”, critica.

“Um texto crítico também não é uma mera opinião sobre o filme. Críticas meramente subjetivas servem para uma pessoa só: o próprio crítico”, alfineta. “Uma crítica jamais será uma mera opinião. É preciso informações sobre contexto histórico, formas de produção, teoria cinematográfica, entre outros elementos”, cita o crítico. “É uma combinação de elementos subjetivos e objetivos”.

Outra função do crítico, segundo Pablo Villaça, é apontar tendências e descobrir obras, dando ao público a chance de tomar conhecimentos sobre elas. “Nós indicamos o caminho das pedras”, decreta.

Villaça finaliza apontando semelhanças e diferenças entre as posições de críticos e acadêmicos. “Ambos pesquisam cinema, mas a aplicação entre as funções é diferente. O crítico é mais pragmático e escreve sobre filmes ou filmografias específicas. O acadêmico aponta tendências e correntes mais gerais. Mas ambas as atividades se complementam”, destaca.

Se a sétima arte é um dos entretenimentos mais populares e atrai pessoas as mais diversas possíveis, o crítico de cinema assume um papel fundamental no modo como percebemos e consumimos cinema. Atividade reconhecida ou desprezada, o crítico de cinema faz parte das molas que sustentam a cultura de um modo geral. ■

MAIS INFORMAÇÕES

➔ **CONFIRA** as críticas de Pablo Villaça através do portal Cinema em Cena (www.cinemaemcena.com.br)

COMENTE

➔ caderno3@diariodonordeste.com.br



○ **PABLO VILLAÇA:** “Infelizmente, hoje, o crítico é mais uma peça da engrenagem e está presente nos veículos mais para render receita do que para discutir cinema” FOTOS: ALEX PIMENTEL